



O EQUILÍBRIO ATRAVÉS DE AULAS-OFFICINA DE ARTES VISUAIS: PERCEPÇÕES NA INICIAÇÃO A DOCÊNCIA

***Rômulo N. S. Machado**

***Thainara Pinho**

Orientadora #Luciana A. Tejada

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de parte de um relato das atividades realizadas no PIBID de Artes Visuais da UEL no Colégio Estadual Maria José Balzanelo Aguilera, em Londrina-PR. O trabalho foi desenvolvido durante seis aulas, dispostas em seis semanas, com a turma de 8º ano A. Esta turma possuía uma característica importante: eram alunos em geral repetentes, com idades variadas, e em número reduzido.

Após algumas reuniões com a coordenadora, supervisora e demais estudantes do projeto, estabelecemos alguns eixos para nortearmos nossas ideias, e partindo das palavras “dualidade” e “equilíbrio” procuramos relações entre temas e assuntos voltados às artes, dentre estes o xamanismo, para serem tratados dentro de uma abordagem não formal. Como atividade extra para ser trabalhado em sala, propusemos fazer 5 a 10 minutos de meditação antes de começarmos as aulas.

OBJETIVO

Desenvolver uma prática pedagógica em que a Arte viabilize o equilíbrio entre atividade prática e conteúdo teórico, bem como harmonia nas relações de ensino e aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um desafio revela-se nos impasses do sistema educacional, nas travas das relações humanas, no embasamento das práticas pedagógicas e a estrutura da educação formal pode ser um grande problema para a educação em Artes Visuais. Um sistema que busca pela rigidez das definições, mas segundo COLI (1995, p. 11) “o estatuto da arte não parte de



uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura”.

Uma aproximação com a educação não formal que “é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (GOHN, 2014, p. 40), poderia auxiliar as relações dentro das escolas, e no ensino de arte.

Jamais um cidadão se forma apenas com a educação não formal. Mas justamente a forma como está estruturada a educação formal, burocratizada e normatizada, com dificuldade de flexibilidade nas agendas, resulta em dificuldades no processo formativo (GOHN, 2014, p. 42).

Através do que pode ser chamado de aula-oficina, talvez seja possível estabelecer uma relação entre conteúdos formais e reformulação da escola enquanto espaço do cotidiano. O professor enquanto mediador dos acontecimentos e manifestações dentro da sala de aula. O conteúdo e o objetivo norteiam a metodologia, mas é o fluxo da vida quem dita o curso.

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar de certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento (FERMEIRO, 2012).

Cabe ao professor ou futuro professor entregar-se a essa busca por um equilíbrio em sua prática pedagógica, empenhar-se em trazer vida onde um sistema institucionalizado sobrepujou qualquer vitalidade emocional, espiritual, partindo, talvez, de uma melhor compreensão de si mesmo.

Para nos compreendermos profundamente, precisamos de equilíbrio. Isto é, não podemos abandonar o mundo, esperando compreender-nos, ou estar tão emaranhados no mundo que não haja ocasião de nos compreendermos. Tem que haver equilíbrio, nem renúncia nem aceitação. (KRISHNAMURTI, J. 2012, p. 22)



METODOLOGIA

Elaboração de planejamento de aulas.

Aula 1: Conversa sobre o que é arte, proposição e breve explanação sobre a meditação.

Aula 2: Cadernos artesanais, com organização da sala em um grande grupo, distribuição de materiais individuais e explanação passo a passo.

Aula 3: Atividade de desenho e xamanismo, organização da sala em uma roda, sentados no chão, com venda, carvão, vela, incenso, música e instrumentos musicais.

Aula 4: Expositiva, com imagens e resumo sobre a diferença entre clássico, moderno e contemporâneo.

Aula 5: Apresentação de objetos autobiográficos.

Aula 6: Auto avaliação.

Escrita de relatório.

ANÁLISE DE DADOS

Embora estejamos interessados em uma pedagogia libertária, tudo ainda é uma grande busca, a educação não formal, as aulas-oficina e os temas e assuntos propostos são uma pesquisa constante e percebemos quando o trabalho educativo e de ensino realmente acontece, é de forma mútua, professor, pesquisador, artista, estudante, aluno, seja quem for, deve estar ensinando e aprendendo, qualquer bloqueio que parte de uma relação unilateral pode acabar por perverter o processo e estabelecer uma problemática cíclica.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Sobre a meditação todos se mostraram bastante curiosos e a maioria pareceu gostar da prática. Por se tratar de uma meditação em sala de aula foi necessário adaptar a linguagem e buscar metodologias alternativas, apenas em um intuito de despertá-los e chama-los para a prática. De maneira geral parece que funcionou bem, com alguns alunos chegando até a comentar que se sentiam mais calmos graças a isso.



Aula 1: Ao responderem as perguntas foi ficando claro que para eles era muito mais simples citar algo que era arte do que delimitar o que não o era. A maioria estabeleceu como não arte as outras disciplinas como matemática, por exemplo. Assim, eles compreenderam como é difícil definir arte, e foram construindo um conceito a partir do gosto próprio, como “arte é o que eu gosto”. O interessante é que eles construíram um raciocínio próprio, e não pareceram se apegar a respostas prontas e “clichês” para resumir e definir a arte.





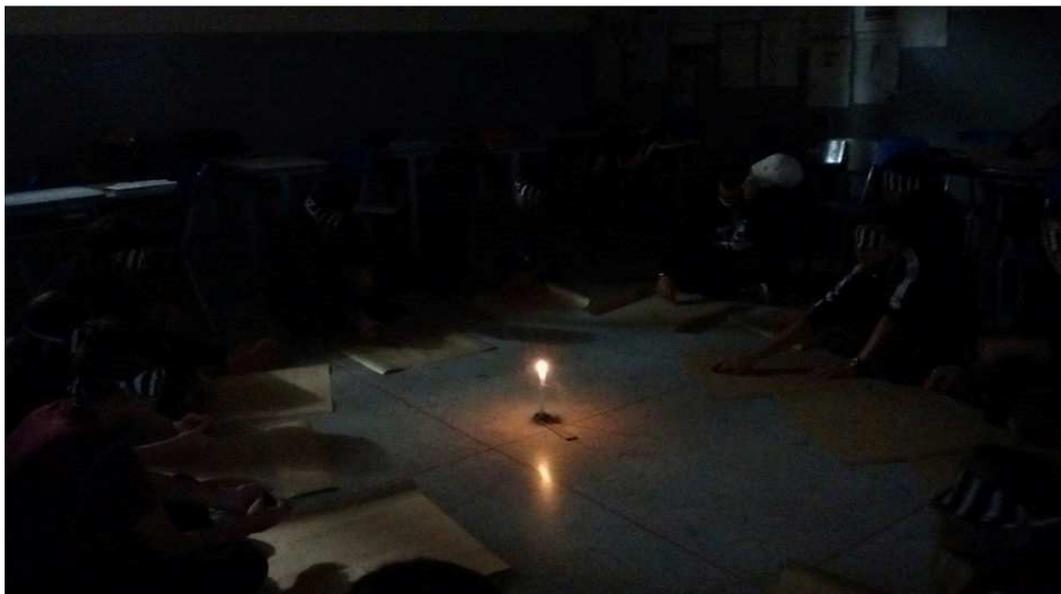
Aula 2: De maneira geral a turma se apresentou bastante ávida em concluir e aprender a atividade, expondo suas frustrações, mas lidando com a situação da melhor forma que puderam. Medir os pontos da costura com régua, fazer contas de divisão e subtração foi algo bastante confuso para a maioria, mas revelou a interdisciplinaridade que ocorre na arte, passando até pelas definições do conceito de arte que eles mesmos apresentaram na aula anterior.



Aula 3: Poucos apresentaram resistência a usar a venda e se entregaram a atividade quase que completamente, talvez pela curiosidade e a novidade da ambientação com vela, incenso, música e mistério. E ainda, poucos apresentaram traços estereotipados, pode-se perceber que eles se soltaram com movimentos, pressões, gestos e toques, esquecendo



qualquer finalidade do desenho. Os desenhos revelaram muito as características de cada um, o que também foi bastante interessante, pois eles conseguiram, mesmo que de forma tímida, comentar sobre os trabalhos um dos outros.



Aula 4: Ficou claro a facilidade para se dispersar em uma aula teórica, embora as imagens sejam grandes aliadas, pois despertam atenção. Alguns alunos foram participativos, mas o comportamento atrapalhou muito o andamento. Outro problema é que a aula teórica foi muito extensa e densa, visto que tentamos resumir toda a história da arte



em uma aula, e depois percebemos a que devíamos ter retomado tantos conteúdos assimilados de uma só vez, de uma forma que os fixasse, pois os alunos ressaltam coisas muito importantes em uma aula, mas parecem se esquecer na próxima.



Aula 5: Diante de objetos desconhecidos, os alunos se mostraram muito curiosos e ansiosos para descobrir o que eram e porque estavam ali. Cada um de nós construiu sua narrativa pessoal, ligando esses objetos a fatos de nossas vidas. Quando passaram a conhecer esses objetos a partir da nossa história, os alunos entenderam o valor pessoal e se mostraram muito respeitosos. Vimos que quando tratamos de algo próximo à nossa realidade, com maior proximidade e relação com eles, a aula flui de outra maneira. Há interesse e espontaneidade, menos medo de dizer algo “errado”.



Aula 6: Percebemos grande sinceridade e um bom nível de autoconhecimento da maioria, quase todos pareciam cientes de suas falhas e qualidades, sendo necessário poucas alterações nas notas que cada um deu para si. Porém é de se pensar se eles realmente tinham consciência disso o tempo todo ou se isso se manifesta graças a uma atividade dessas.

Palavras-chave: Iniciação. Docência. Arte-educação. Inovação.

REFERÊNCIAS

- COLI, J. **O Que é Arte**. Coleção Primeiros Passos N° 46. Brasiliense: São Paulo, 1995.
- FERMEIRO, G. **Aula oficina como estratégia de ensino e aprendizagem**. Disponível em: <http://gabrielfermeiro.blogspot.com.br/2012/02/aula-oficina-como-estretetgia-de-ensino.html>, 2012.
- GOHN, M da G. **Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos**. Investigar em Educação - II^a Série, Número 1, 2014.
- KRISHNAMURTI, J. **The collected Works Vol. 3**. K. Publications, 2012.